



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

## Um olhar agroecológico para a comercialização



GENTE QUE FAZ O PROJETO

**Feirantes da  
Rede Carioca de  
Agricultura Urbana**

PÁGINA 4



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**Agricultura Urbana e  
Mercados Locais no estado  
do Rio de Janeiro**

PÁGINA 13



DIÁRIOS DE CAMPO

**Pesquisa e agriculturas na  
Floresta da Pedra Branca:  
produção de alimentos e de  
conhecimentos**

PÁGINA 27

**Ações de comunicação e apoio  
à comercialização através da  
Campanha Produtos da Gente**  
PÁGINA 42

**Memória social, ações  
pedagógicas e Turismo de Base  
Comunitária**

PÁGINA 49

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO





## Um olhar agroecológico para os mercados locais

Mercados locais são espaços de aproximações entre quem produz e quem adquire produtos para o consumo. O mercado, nesse caso, é o lugar social do encontro.

Aquilo que produzo e com o que estabeleço relações passa para as mãos de quem precisa, numa lógica que supera a venda de produtos fúteis incentivados pelo sistema capitalista. Produtores e produtoras conhecem o sistema produtivo, a cadeia, os insumos, os ambientes de produção, as pessoas envolvidas. Detém as técnicas de produção e alcançam o ponto de venda dos seus produtos. Mais além do que a venda, estabelecem relações com quem entrega os seus produtos como parte de si mesmo.

Por sua vez, o destinatário ou consumidor recebe com reconhecimento, gratidão e interesse o produto e aquilo passa a fazer parte da sua vida, do mercado para frente. Do mercado como espaço de troca, daquilo que é produzido por aquele ou aqueles produtores que começaram a caminhada daquele produto.

Se utilizo, reconheço de onde veio.  
Reconheço quem produziu e o valor vai





além do valor de mercado ou do preço pago. O valor do produto está na sua origem, nos cuidados com que foi produzido, nos conhecimentos adquiridos juntos.

O enfoque da agroecologia para os mercados está justamente na capacidade de desenhar espaços onde as trocas de valores são promovidas. Valores de vida, valores de produção, valores de produtos. O mercado é algo bastante concreto e palpável.

É lá onde nos vemos, tomamos um caldo de cana juntos e onde levo ou trago produtos que fazem parte e sentido para a minha vida. É lugar de conversas, é lugar de culturas, é lugar de aprendizados. É lugar da materialidade do abastecimento. Mas é também lugar da subjetividade das memórias e histórias de vida.

Nessa folha informativa você conhece pessoas, iniciativas e sonhos que fortalecem os Mercados Locais de comercialização e fortalecem a agroecologia na cidade do Rio de Janeiro. Boa leitura!

Márcio Mattos de Mendonça  
Coordenador do Programa  
de Agricultura Urbana da AS-PTA







Nesta edição, conheça pessoas que processam e comercializam alimentos da agricultura urbana do Rio de Janeiro. Eles e elas atuam nas feiras e nos espaços de mercado que integram a Rede Carioca de Agricultura Urbana.

## **Feirantes da Rede Carioca de Agricultura Urbana**

### **Irma Maria Ferreira**

Irma Maria Ferreira é agricultora e culinária da Feira Agroecológica de Campo Grande. Tudo que é vendido em sua barraca é colhido e produzido por ela e seu marido Pedro Paulo no sítio Águas Claras, localizado no bairro Santíssimo, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nele, já criou e plantou inúmeros produtos, mas pelo seu estilo de alimentação - vegetariana



**Irma Maria Ferreira**



Irma e Pedro Paulo

-se pela jaca verde quando descobriu que poderia produzir inúmeras receitas com a fruta. Ela acredita que, quando se fala de agricultura e saúde, não deveria existir outro modo de se viver. Por sua vivência no sítio, a agricultora sente na pele os benefícios de estar constantemente em contato com a natureza. Eles atuam na Feira de Campo Grande. Lá, a amizade e a troca entre os feirantes é inexplicável. Que possamos cultivar, para além da terra, relações sinceras.

- e também por inúmeras dificuldades com o abastecimento de água, precisaram se adaptar às condições climáticas.

Atualmente, eles plantam aipim, cana, milho e inúmeras árvores frutíferas. Mesmo sendo agricultora, Irma é quem ela realmente é quando está na cozinha. Gosta da cozinha curiosa e criativa, e não dos preparos do dia a dia. Apaixonou-

## Carla Loureiro

Carla Loureiro é educadora, historiadora, agricultora urbana e colaboradora do coletivo Quintais Produtivos da Colônia, sediado na Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá). Atualmente, Carla atua no núcleo de cursos da Fio-cruz com foco no aproveitamento das sobras integrais dos alimentos. Suas experimentações são frutos de sua espiritualidade e seus saberes esotéricos. Saberes esses que lhe conferiram a vitória em um concurso gastronômico, em 2019, após a elaboração de um rocambole feito à base de carne de jaca.



Carla Loureiro



Carla comercializa a polpa das frutas que colhe em seu quintal produtivo e a das que compra. Tudo pensado na praticidade. A maior parte dos insumos para as preparações dos alimentos da Carla são

Quitutes produzidos  
pela Carla Loureiro



adquiridos de produtores que fornecem também ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Com o preço mais em conta, a educadora defende também uma convicção política. Carla também é realizadora do Alquimia Viva, empresa que comercializa marmitas à base de hortaliças “in natura”, alimentos minimamente processados, biscoitos, sanduíches e pães artesanais.

### **Brenda Fonseca**

Brenda Fonseca é mãe de Nyah (7 anos) e Yuri (3 anos), educadora socioambiental na Fiocruz e agricultora urbana do coletivo Quintais Produtivos da Colônia. Ela começou a cozinhar aos 11 anos, fazendo a ceia de Natal para a família, pois sua mãe trabalhava fora e precisava de ajuda no preparo das refeições.

Com a ajuda de sua prima mais velha, Brenda começou sua jornada como culinária na sua vida e no âmbito familiar. Já no âmbito profissional, se identifica como processadora, trabalhando no processamento de alimentos de origem vegetal.



**Brenda Fonseca**



Alimentos beneficiados  
pela Brenda Fonseca

Seus dois filhos trazem na sua vida uma abordagem maternal quando se trata do alimento, tendo sempre incentivado e procurado incluí-los no plantar, colher e preparar o alimento, aproximando-os

da agroecologia. Como parte do Produtos da Gente, Brenda acredita que dar visibilidade para quem produz o alimento, que tão bem alimenta a gente, seja algo primordial nas nossas vidas. Para ela, enxergar o agricultor agroecológico e todo o processo de seu trabalho, com respeito acima de tudo, é algo necessário para as futuras gerações tomarem isso como exemplo e aplicarem em suas vidas.

Brenda também é realizadora do “Moleca de Dreads”, uma iniciativa que atua com maternagem, educação ambiental e agricultura urbana. Os principais produtos comercializados são o sabão ecológico, feito com banha, e condimentos desidratados e/ou moídos. Ela também trabalha vendendo os produtos dos Quintais Produtivos em uma barraca localizada na Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá, RJ).





Miguel Archanjo

## Miguel Archanjo

No sistema sintrópico, é cultivada a vida, o cultivo do solo. Para adubar o solo, Miguel usa o tronco da bananeira ou qualquer coisa viva, por exemplo, grama cortada, serragem e madeira. Qualquer ma-

téria orgânica serve para cobrir o solo. Até a banana, ele só utiliza 10% das bananas que produz, o restante é adubo da terra.

Miguel começou fazendo uma horta sintrópica pequena e ela foi explodindo de comida. Inicialmente, começou a não dar conta de consumir tudo que era produzido.

O sistema é de muita abundância. É esse princípio de utilizar os andares. A abóbora fica lá no chão, cobrindo o solo. O milho cresce e o feijão se enrola no milho, cada um é colhido no seu tempo. A horta sintrópica do Miguel Archanjo está localizada em



Suco verde produzido pelo Miguel

Vargem Grande (RJ). Neste sistema não é necessário o uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, fugindo do padrão mercantil. A Horta tem grande biodiversidade, sendo cultivadas frutas, legumes, entre outros. Desse plantio saem produções como seu famoso suco verde e uma variedade de crackers desidratados. Também são comercializadas mudas, expandindo essas delícias naturais para além de seu jardim.

### Marisa Furtado

Marisa Furtado é culinária, produtora cultural, documentarista, ativista ambiental, processadora de alimentos e cabeleireira. Ela e seu marido, Pedro Lobão, comandam o projeto "mão na jaca" onde ensinam o beneficiamento da jaca para o preparo de pratos salgados e toda sua pluralidade. O nome "mão na jaca" expressa literalmente isso que eles fazem. Também faz um trocadilho com a expressão "pé na jaca", que é associado a algo ruim. "Mão na jaca" busca trazer coletividade, sustentabilidade, prazer e solidariedade.

O projeto conta com oficinas que ensinam a colher, cortar, debulhar e cozinhar a jaca.



Marisa e Pedro, do Mão na Jaca



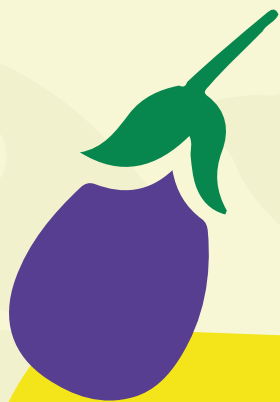


Carne de jaca beneficiada pelo Mão na Jaca

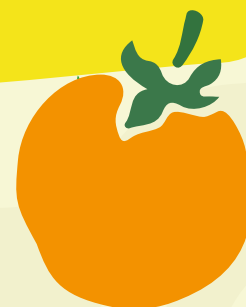
Também possuem um site com videoaulas, além de informações e curiosidades. O projeto “Mão na Jaca” tem como objetivo colocar a jaca na mesa de todos os brasileiros a partir do aproveitamento desse fruto que é tão abundante e que poderia auxiliar no

combate à fome no Brasil. Então, o projeto, comercializa produtos como a biomassa de jaca verde, castanha de jaca, jaca de vez, lombo de jaca e gomos. É da jaca verde, ainda sem odor e sem gosto de jaca, mas com a textura suave do gomo, criar a sua receita especial. “A Jaca do Mão na Jaca” é coletada em espaços mapeados e monitorados pela equipe. É um produto agroecológico, sem o uso de agrotóxicos ou pesticidas. Ao comprar com Mão na Jaca, você ajuda o Projeto de Educação Ambiental que promove o aproveitamento integral dos recursos locais, combate o desperdício, organiza coletivos e doações de jaca, para escolas públicas e instituições da cidade.





Esse conteúdo foi produzido através da parceria da Campanha Produtos da Gente com o Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde com a turma de gastronomia (NUTES/ UFRJ), sob supervisão da professora Juliana Dias. Os textos foram escritos no âmbito da 4ª edição de “ESA faz produtos da gente”, da UFRJ de 2022.1 disciplina "Educação, Saúde e Ambiente". Participaram os estudantes Beatriz Diogo, Beatriz Peres, Letícia Faria, Rennan Batista, Ricardo Oliveira e Victória, Isabella Oliveira, Juliana Carvalho, Léo Mendes, Mariana Coutinho, Thayane Ferreira, Yasmim Amado. Ana Beatriz, Matheus Côrtes, Vitória Silva e Juliano Venâncio.





## Agricultura Urbana e Mercados Locais no estado do Rio de Janeiro

### Adaptado do artigo "[Cultivando relações no Arranjo Local da Penha: a mobilização de mulheres a partir das práticas de agricultura urbana na favela](#)"

Por Mariana Portilho, Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues e Annelise Caetano Fraga Fernandez, disponível na publicação *Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, [Nº 42 \(2021\)](#) Publicado: 23-06-2021

Da colheita de temperos frescos nas hortas dos quintais produtivos às trocas de receitas com a avó para fazer o almoço do dia, estão algumas das práticas de um conjunto diversificado de experiências de agricultura nas cidades. Os modos de vida nos grandes centros urbanos apresentam cada vez mais a reprodução de hábitos que, no imaginário dos brasileiros, ainda são vistos como restritos à vida no campo. Observamos nas sociedades



Comer é um ato político!

urbanas a adoção de novos estilos de vida que, na busca por lazer, descanso e refúgio, modificam seus modos de viver, comer e se relacionar. Nesse sentido, precisamos refutar as visões dicotômicas entre o rural e o urbano, frequentemente percebidos como antagônicos e dissociados entre si (Carneiro, 2008).

Em abordagens dicotômicas sobre as dimensões rural e urbana, o campo se opõe à cidade por expressar elementos que enfatizam suas distinções. Marques (2002), a partir do estudo da obra de Sorokin e Zimmermann (1986), ressalta traços fundamentais destacados pelos autores como por exemplo: (1) diferenças ocupacionais ou principais atividades em que se concentra a população economicamente ativa; (2) diferenças ambientais, estando a área rural mais dependente da natureza; (3) diferenças no tamanho das populações; (4) diferenças na densidade populacional;

(5) diferenças na homogeneidade e na heterogeneidade das populações; (6) diferenças na diferenciação, estratificação e complexidade social; (7) diferenças na mobilidade social



Encontro da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro regional Metropolitana



“é igualmente relevante interrogar sobre o que vem acontecendo na cidade, em razão do esmaecimento de suas fronteiras com os espaços naturais e rurais”

e (8) diferenças na direção da migração. (Marques, 2002, p.100).

Definir os limites objetivos entre o rural e o urbano em determinados contextos se torna cada vez mais complexo, pois ao observarmos a reprodução de aspectos da ruralidade no

meio urbano (Carneiro, 2008), assim como as urbanidades penetrando cada vez mais no campo, configura-se o meio rural com outras atividades que não aquelas estritamente agrárias (Veiga, 2006; Favareto, 2007). Sem negar a pertinência dos estudos com foco nas novas funcionalidades, atores e identidades sociais no campo (Veiga, 2006; Favareto, 2007; Hespanhol & Hespanhol, 2006, Hespanhol, 2013), De Paula (2005, p.243) anuncia:

“é igualmente relevante interrogar sobre o que vem acontecendo na cidade, em razão do esmaecimento de suas fronteiras com os espaços naturais e rurais”. Para esta autora, mais do que apenas um processo de ruralização, o ato de plantar nas cidades tem buscado equacionar os dilemas da própria vida urbana. Consideramos que a agricultura urbana, ao atribuir à cidade novas dimensões sociais, ambien-

tais e culturais, contribui para romper com a dicotomia rural-agrícola/urbano-industrial e projeta novas utopias; novas formas de resistir e existir na cidade.

Com base em Santandreu e Lovo (2007), definimos agricultura urbana como um conceito multidimensional que inclui a produção, a transformação e a prestação de serviços ligados às atividades agrícolas e/ou seus produtos (hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, cultivados ou advindos do agroextrativismo), pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte) e beneficiados voltados ao autoconsumo, trocas, doações ou comercialização, (re)aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável os recursos e insumos locais (solo, água, resíduos, mão de obra, saberes).

Além de focar na amplitude de práticas abarcadas pela AU, é de fundamental importância considerar as observações de Mougeot (2000, p.5) ao ressaltar que: “a característica principal da agricultura urbana, que a distingue decisivamente da agricultura rural, é sua integração no sistema econômico e ecológico urbano”.

Nesta discussão, o autor enfatiza a importância da diversidade de experiências empíricas como uma contribuição



para refinar as definições do conceito de AU. Realizada nos espaços urbanos e a partir deles, a prática da AU agroecológica favoreceu a consolidação de movimentos de agriculturas nas cidades, como no caso do Rio de Janeiro, constituindo a Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE CAU), que reúne uma diversidade de atores sociais sendo estas associações, coletivos, estudantes, pesquisadores, organizações da sociedade civil, de diferentes localidades do município.

A Agricultura urbana com enfoque agroecológico vai além do direito a plantar, pois se pauta pelo respeito aos saberes e aos conhecimentos locais, pela promoção da equidade de gênero através do uso de tecnologias apropriadas e por processos participativos (Altieri, 2004). Em suas variadas formas de expressão, a agricultura urbana agroecológica perpetua diferentes dimensões, atingindo aspectos tecnológicos, sociais, econômicos, ambientais e de saúde.



Encontro da Rede Carioca de Agricultura Urbana



Como exemplo a adoção de princípios da utilização dos recursos naturais em consonância com o tempo de resiliência da natureza, promovem a manutenção da biodiversidade e a conservação ambiental, além de auxiliar na reciclagem de resíduos sólidos. Plantados e colhidos a partir dos seus próprios ciclos naturais, os alimentos agroecológicos não fazem o uso de agrotóxico.

Envolvidos com a AU e a agroecologia, seja na pesquisa, na extensão, na militância, em serviços de assessoria ou na vivência, juntos esses sujeitos afirmam que a cidade é um espaço legítimo para a agricultura que, por sua vez, deve ser protegida por um conjunto de políticas públicas ainda pouco sensíveis a essas práticas (Fernandez & Baptista Filho, 2019), sendo a mobilização e luta social que faz existir e resistir a agricultura da e na cidade.

Constituída em 2009, a REDE CAU representa uma ampla articulação na defesa para que a AU adquira o estatuto de política pública, com repercussão no planejamento urbano, e também como possibilidade de garantia da existência e da promoção das diferentes práticas que a compõem (Silva, 2016). Tal política contribuiria para a promoção de direitos





voltados para uma diversidade de sujeitos que se encontram na condição de agricultores e agricultoras urbanas.

Vale salientar que a construção de uma política municipal de AU para o Rio de Janeiro é uma reivindicação antiga dos movimentos sociais, das organizações não governamentais e das redes e articulações voltadas à promoção da agroecologia. Nos últimos dez anos (de 2009 a 2019), foram diversas as mobilizações no âmbito do movimento da agricultura urbana no município, seguidas por algumas conquistas relacionadas tanto à implementação de políticas públicas como resultados econômicos e sociais. Fortalecida, a Rede CAU atuou na capacitação de seus (suas) integrantes de forma a ser levantadas as demandas dos territórios e incentivar que os próprios atores começassem a se organizar pelos bairros cariocas.

Isso quer dizer que, inspirados pelas experiências que dividiam uns (umas) com os(as) outros(as), muitos(as) dos(as) participantes da Rede CAU puderam se dedicar mais atentamente às suas próprias moradas, animando os pequenos grupos locais e comunidades para que passassem também a se organizar como rede. Ao mesmo tempo, sendo uma rede aberta e dinâmica, a Rede CAU foi assumindo



Alimentos agroecológicos produzidos no Rio de Janeiro

agendas de luta trazidas pelos seus participantes, englobando as trajetórias e experiências de quem estava chegando, e vem proporcionando maior visibilidade para o debate sobre as possibilidades da agricultura e

do acesso à “comida de verdade” .

O conceito de "comida de verdade" foi introduzido pelo (atualmente extinto) Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) , e diz respeito à comida: Produzida pela agricultura familiar com base agroecológica e uso de sementes crioulas e nativas por meio do manejo adequado dos recursos naturais e que garante a alimentação de qualidade e em quantidade adequada. A agricultura urbana protege e promove as culturas alimentares, a sociobiodiversidade, as práticas ancestrais, a dimensão sagrada dos alimentos. (CONSEA, 2015).

## As (não) Políticas de Agricultura Urbana no Município do Rio de Janeiro

No que diz respeito ao campo de estudo, ainda que a cidade do Rio de Janeiro seja considerada



como integralmente urbana pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município (Rio de Janeiro, 2011), persistem no território alguns traços rurais e uma grande diversidade de áreas de produção alimentar. Dados do Censo Agropecuário do IBGE (2006 apud Maselli, 2015) apontaram para a existência de 1.055 estabelecimentos agrícolas na cidade do Rio de Janeiro, sendo que, desse total, 790 são oriundos da agricultura familiar.

A leitura desses dados oficiais indica que o município do Rio de Janeiro tem uma produção agrícola relevante. Apesar de tais números, a agricultura familiar carioca é uma atividade que pode ser considerada como desvalorizada e que historicamente vem sofrendo com a falta de apoio institucional e a ausência de políticas agrárias. A agricultura urbana, por sua vez, ainda é vista pelos atores institucionais como uma atividade irrelevante; uma prática fora do

lugar e feita por pessoas despreparadas.

Vale ressaltar que a revisão do Plano Diretor do município não é suficiente se conjuntamente ao reconhecimento de áreas rurais não ocorrer o reco-



Atividade de agricultura urbana realizada na E.M Emma D'ávila, no Arranjo Local de Guaratiba



Feiras agroecológicas escoam os alimentos produzidos pela agricultura urbana do Rio de Janeiro

nhecimento dos agricultores urbanos e a promoção de novas leis que se apliquem e beneficiem essa categoria. A Rede CAU, ao longo desta última década, tem assumido

uma agenda ampla de defesa por todas as expressões de agricultura na cidade do Rio de Janeiro. Uma das ações consideradas estratégicas é a participação no grupo de trabalho de revisão do Plano Diretor da cidade (que deve ser publicado ainda em 2021), que busca sensibilizar o quadro técnico da Secretaria de Urbanismo a identificar práticas ainda pouco convencionais de agricultura no território municipal.

Criado em 2011 (renovado a cada 10 anos), o Plano Diretor não faz menção à presença de territórios rurais. Na verdade, os planos diretores não reconhecem as áreas de agricultura urbana. O que se faz é o zoneamento da cidade (área rural, área urbana, área industrial, área de comércio, áreas mistas, área de preservação ambiental). O que se defende é a necessidade de reconhecimento da zona rural e, ao mesmo tempo, que as zonas urbanas reconheçam a agricultura como prática socioeconômica (não apenas como zona da cidade).

Os movimentos da agricultura urbana no município vêm crescendo nos últimos vinte anos, tanto por meio de reproduções de modelos de vida antigos, vinculados ao resgate dos próprios costumes, como – e, cada vez mais – são revelados hábitos inventivos nos quais moradores urbanos de diferentes classes sociais, sem nenhuma referência anterior com o campo, passam a se dedicar a essas atividades. Aqui na cidade do Rio de Janeiro, a REDE CAU defende a produção local de alimentos como caminho para se alcançar metas de garantia da soberania alimentar.

Ao possibilitar o acesso ao plantio e consequentemente à alimentação, permite-se uma nova relação com o que se come, reduzindo o percurso da cadeia produtiva e aproximando produtores de consumidores, pois ambos se confundem nas experiências de agricultura urbana. Sugere-se, portanto, que a oposição entre essas duas categorias, produtores

e consumidores, é cada vez menos rígida. O compartilhamento de experiências de AU em diferentes cidades no mundo permite identificar um con-



Alimentos saudáveis no campo e na cidade





Culinaristas do Empório da Chaya

junto de dinâmicas que têm estimulado seu fortalecimento nas últimas décadas.

Hespanhol (2019, p.3) elenca os seguintes fatores que, combinados

de modos distintos, podem ser recorrentes: o crescimento da população urbana e a intensificação da urbanização; o aumento dos índices de pobreza nas cidades; o encarecimento dos preços dos alimentos; o agravamento dos problemas ambientais; e a crescente preocupação de uma parcela da população com a qualidade dos alimentos consumidos. Houve também a emergência de uma miríade de movimentos que defendem, sob diferentes justificativas, a ocupação dos espaços ociosos nas cidades por meio da prática da agricultura urbana. Os dados preliminares do Censo Agropecuário de 2017 apontam que este quantitativo se manteve, com 1.016 estabelecimentos.

O Acompanhamento Sistemático da Produção Agrícola (ASPA), produzido pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (Emater Rio), indica que em 2017 o município do Rio de Janeiro tinha 1.008 produtores, com 46.716,22 toneladas de produção ao ano em uma



Mobilização para manutenção do orçamento de 20 milhões anuais para agricultura familiar

área de 2.814,74 hectares. Se comparado a outros municípios majoritariamente rurais, como por exemplo, Nova Iguaçu, com 121 produtores e 194 toneladas, Magé com 585 produtores e 12.000 toneladas e Petrópolis com

1.104 agricultores e 9.959,90 toneladas (Emater Rio, 2017), observamos que o Rio de Janeiro apresenta volumes considerados significativos e diversos.

Ainda durante esses últimos anos foi conquistada, a partir de lutas populares desse movimento, a implementação de políticas públicas e alguns resultados econômicos e sociais, destacando-se a articulação em redes, por meio das quais se propiciou a interação do trabalho de distintos atores sociais em diferentes localidades do município, o que fortaleceu suas reivindicações e resultou em conquistas – como o acesso a mercados, emissão de DAPs, acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE e, mais recentemente, a construção da Frente Parlamentar de Segurança Alimentar e da Agricultura Urbana.

Mas ainda assim existem lacunas de informações objetivas nos dados oficiais que permitam uma

análise aprofundada da relevância da agricultura urbana no município do Rio de Janeiro de forma a atender à diversidade das possíveis práticas desenvolvidas e ao viés agroecológico. A constituição de uma política municipal de Agricultura Urbana deve prever a realização de uma leitura clara das informações existentes e a busca por novas informações complementares.

## Referências

CONSEA (2015). Relatório Final Carta Política, Manifesto, Proposições e Moções, 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília-DF. [http://www4.planalto.gov.br/consea/eventos/conferencias/arquivos-de-conferencias/5a-conferencia-nacional-desequilibrada-alimentar-e-nutricional/relatorio\\_2015\\_consea\\_web-final.pdf](http://www4.planalto.gov.br/consea/eventos/conferencias/arquivos-de-conferencias/5a-conferencia-nacional-desequilibrada-alimentar-e-nutricional/relatorio_2015_consea_web-final.pdf).

Hespanhol, A. N., & Hespanhol, R. M. (2006) Dinâmica do espaço rural e novas perspectivas de análise das relações campo-cidade no Brasil, Terra Livre, 2, 133–148.

Silva, U. C. (2016). A Agricultura na Cidade do Rio de Janeiro no âmbito da Rede Carioca de Agricultura Urbana. possibilidades e desafios na produção do espaço urbano sob enfoque da agroecologia. In XVIII Encontro Nacional de Geógrafos - A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. São Paulo: Associação dos Geógrafos do Brasil.





## Pesquisa e agriculturas na Floresta da Pedra Branca: produção de alimentos e de conhecimentos

Uma das ações do projeto é o apoio à unidades de produção (unidades agroflorestais e hortas), visando a ampliação do elemento arbóreo nativo em comunidades situadas no Parque Estadual da Pedra Branca e sua zona de amortecimento. O apoio vem acompanhado de pesquisas e análises científicas que buscam aferir as contribuições do modo tradicional de agricultura e fortalecer a presença das comunidades quilombolas e agricultoras em seus territórios.

### Apoio às Unidades de Produção

Algumas das ações desenvolvidas nos últimos meses foram a instalação de sistema de irrigação de baixo custo na área do agricultor urbano Miguel Archanjo, a implantação da Bacia de Evapotranspiração no Quilombo Dona Bilina; o apoio à implantação da horta e manejo da área no Quilombo do Camorim; a distribuição de mudas, de material



Instalação do sistema de irrigação de baixo custo na UP do Miguel



Instalação do sistema de irrigação de baixo custo na UP do Miguel

para irrigação e de material para produção de frutas e assessoria técnica em algumas das unidades de produção localizadas nas três comunidades quilombolas do maciço da Pedra Branca, além da Associação de Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (Agroprata) e Jardim Sulacap

Bairro Sustentável.

Neste período, tivemos reuniões de alinhamento com importantes parceiros do projeto, como o grupo da Feira da Roça de Vargem Grande e Associação de Moradores de Vargem Grande (AMAVAG) e Associação de Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (Agroprata), e com as comunidades quilombolas.



Reuniões com Amavag e Agroprata

O objetivo dos encontros foi fortalecer a organização coletiva das ações e ampliar a assessoria técnica, aquisição e distribuição de materiais de apoio para a produção agrícola.

### **Mutirões no espaço educativo Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina**

A Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina é um espaço de educação ambiental que foi instalado no Quilombo Dona Bilina, com apoio do projeto. O espaço permite uma interação pedagógica entre as educadoras quilombolas e diversas parceiras, como escolas municipais e representantes da sociedade civil.

Todas as sextas-feiras ocorrem os mutirões de manejo e organização desse espaço educativo. Além do cuidado coletivo com as culturas, os mutirões são também momentos de encontro e organização das



Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina





Mutirões são momentos de trabalho e aprendizado coletivo

ações pedagógicas e de turismo de base comunitária do Ecomuseu Quilombo Dona Bilina.

No local, foi construída uma Bacia de Evapotranspiração (BET). A BET é uma tecnologia social pensada para amenizar a contaminação do lençol freático e a poluição dos córregos e rios da região, que já foi conhecida como Castelo das Águas. A BET é feita com camadas de filtragem, feitas com cascalhos, restos de obra, pedra brita e uma última camada de areia. Por cima desta última superfície,



Fase de construção da BET, que teve apoio da comunidade local, e funcionou como momento de formação em educação ambiental



Bacia de Evapotranspiração da Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina

é acrescentada terra adubada para a plantação de espécies locais que realizarão a drenagem e a evapotranspiração do líquido contido na bacia.

### Mutirão nos quintais produtivos da Zona Oeste

Como parte das ações direcionadas aos Arranjos Locais, que fazem parte da Campanha Produtos da Gente, temos feito encontros mensais. No nosso último encontro no Quintal Produtivo da Dona Leda, preparamos canteiros para produção, fizemos troca de mudas e realizamos a identificação da PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) do quintal.



Atividade no Arranjo Local de Guaratiba



Colocação da cerca no Arranjo Local de Guaratiba

Já no encontro mensal do Arranjo Local de Guaratiba: Mutirão na Horta da Brisa, os agricultores e agricultoras integrantes se reuniram em mutirão para realizar o manejo dos canteiros e revitalização da cerca.



O Arranjo Local de Guaratiba por meio do projeto Redes Locais de Produção e Abastecimento Alimentar, prevê potencializar ações agroecológicas desenvolvidas no território, estimulando o fortalecimento de laços de produção, autonomia e direito à alimentação saudável. O mutirão contou com a presença e o apoio dos Amigos da Horta da Brisa, AS-PTA, Fundação Angélica Goulart, Mulheres de Pedra, e Pastoral da Criança.

### **Formação de Sementes da Agricultura Urbana e Publicação da Cartilha Sementes da Agricultura Urbana**

Os vínculos com as sementes são diversos e variam conforme a realidade de cada guardiã e guardião; As sementes atravessaram o oceano – vieram com o pai, com a avó – ou, muitas vezes, com a prática de, na escola, semear um caroço de feijão no algodão. A semente multiplicou, trocou e compartilhou sua história com a amizade feita num encontro agroecológico.

A partilha de sementes é uma prática ancestral que foi e vem sendo ameaçada pelo modelo de agricultura do agronegócio, em que as estruturas do



**Formação de Sementes das Agriculturas Urbanas.**





Formação de Sementes das  
Agriculturas Urbanas.

comércio agroalimentar reconfiguraram drasticamente as práticas de troca e reformularam as questões de propriedade legal, resultando em acesso restrito às sementes para a maioria das pessoas.

Os movimentos de soberania alimentar (e por associação, de sementes) relatam diversas

formas de resistência a esse contexto.

A agricultura urbana promove a produção diversificada de alimentos livres de agrotóxicos e transgênicos e é abundante em saberes e práticas que contribuem para agroecossistemas mais sustentáveis. As sementes representam, neste contexto, atos de lutas simbólicas em defesa dos interesses de agricultoras e agricultores que buscam autonomia e segurança alimentar e nutricional nas práticas agroecológicas nas cidades.



Formação de Sementes das  
Agriculturas Urbanas.

Sobre as sementes, Joana Duboc, da Fiocruz Mata Atlântica, destacou que “ter em mãos sementes viáveis e com boa capacidade produtiva, adaptadas às condi-



Publicação *Sementes da Agricultura Urbana* traz informações e referências da guarda de sementes no Rio de Janeiro

ções locais do seu território, significa ter autonomia para a continuidade da produção de alimentos. Produzir sementes requer um olhar especial aos estágios do processo produtivo: vegetativo e reprodutivo”.

Como parte da formação, foi desenvolvida a [Cartilha de Sementes](#), Memórias e Guarda de sementes por agricultoras e agricultores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A cartilha é um dos primeiros passos para valorizar

e dar visibilidade aos saberes e práticas dos camponeses e ampliar a compreensão das potencialidades de compartilhamento de sementes nos espaços urbanos e periurbanos.

A partir de entrevistas com guardiãs e guardiões da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, encontros formativos, pesquisa bibliográfica e trabalhos de campo, foram reunidos relatos, histórias, informações técnicas e orientações sobre as sementes. A publicação foi feita em parceria com a Rede Carioca de Agricultura Urbana e a Fiocruz (Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica).

Uma das formas de coleta dessas informações foi através da **Formação de Sementes das Agriculturas Urbanas**.

Ao longo desse ano, fizemos vários encontros para trocar experiências sobre o tema, e no dia 19 de setembro ocorreu um Intercâmbio presencial na Casa Mãe de Sementes - Horto Escola da Fiocruz Mata Atlântica.

A Formação foi conduzida por Ana Garofolo da Embrapa Agrobiologia, e por Claudemar Mattos da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS) - Fiocruz. Foram mais de 30 participantes, sendo a maioria de comunidades do entorno do maciço da Pedra Branca, mas também de outros grupos e coletivos da região metropolitana, que compartilharam suas experiências e suas sementes.

### **Intercâmbio na Feira de Sementes do Paraná**

Neste último período, participamos da 18ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, realizada no Centro de Tradições Willy Lars, em Irati, na região centro-sul do Paraná. A feira contou com mais de 100 famílias expositoras, que levaram uma enorme diversidade de sementes, mudas, alimentos, cultura, artesanatos e conhecimentos para partilhar.



Foi uma demonstração de força, cooperação, diversidade de culturas e tudo que elas carregam consigo, solidariedade e afeto. O tema da feira deste ano foi **“De geração em geração: sementes crioulas, sim! Transgênicos, não!”**, exaltando a importância do diálogo com as juventudes, com o público urbano, a fortificação da rede de famílias guardiãs do campo, das águas, florestas e cidades a partir da preservação de um bem comum.

*“Isso é uma troca muito rica, eles conhecerem um pouco do que a gente tem aqui e da gente trazer o que eles têm lá. Da experiência que trouxe da feira é que não precisa muito pra guardar a semente. É possível colocar em prática”*, conta Maria Aparecida, agricultora parceira do programa AU e representante do Arranjo Local de Guaratiba e atuante da Horta da Brisa.

**“** *Isso é uma troca muito rica, eles conhecerem um pouco do que a gente tem aqui e da gente trazer o que eles têm lá. Da experiência que trouxe da feira é que não precisa muito pra guardar a semente. É possível colocar em prática”*  
– Maria Aparecida

Junto com ela estava também Eduardo Ribeiro Duarte, agricultor e guardião de sementes, integrante da Feira da Roça de Vargem Grande. Os dois foram convidados para representar as práticas de agricultura do Rio de Janeiro duran-

te a visita de experiências no Paraná. Eles passaram o dia trocando sementes, conversando com outros expositores e ensinando e aprendendo sobre formas de cultivo.

Após o dia de feira, a caravana da Paraíba e Rio de Janeiro, deram continuidade ao intercâmbio no domingo, dia 18/09, visitando duas propriedades - uma no campo e outra na cidade. Os intercâmbios são uma metodologia que favorece as trocas de experiências, instigando o olhar para as diferentes realidades.



Mandala da 18ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

## Visita a área de produção de lúpulo

Por falar em intercâmbio, também em setembro ocorreu uma visita ao **Viveiro de lúpulo da Teresa e Fazenda de Lúpulo do Grupo GT**. A visita foi articulada pelos pesquisadores Enio Fraga e Claudio Capeche da Embrapa Solos, e participaram Edmilson (Ed), assessor técnico da AS-PTA, Adilson, Paulinho, e Cristiano, do quilombo Cafundá Astrogilda, onde está ocorrendo um experimento com lúpulos.

Os participantes foram recebidos no viveiro por Teresa, onde ela contou sobre a micropropagação de lúpulo. É um laboratório moderno com diversos equipamentos voltados à propagação, como o sistema de irrigação por nebulização, estrutura do viveiro, plástico de cobertura, sombrite Israelense para equilíbrio de temperatura e luz.



Viveiro de lúpulo



Intercâmbio promoveu interação entre pesquisadores quilombolas e pesquisadores da Embrapa






Adilson Jr e Paulo Martins do Quilombo Cafundá Astrogilda e Ed, assessor técnico do projeto

Também foi apresentado ao grupo o viveiro com as plantas matrizes que são feitas as mudas comerciais. Teresa explicou a importância, não somente biológica, mas legal dessas mudas.

Na segunda parte do intercâmbio, o grupo visitou a Fazenda GT, que tem a maior área de produção de lúpulo do país. O grupo conheceu diversas áreas dedicadas a experimentos com iluminação artificial, verificou o processo de beneficiamento dos cones, produto de interesse dos lúpulos, explicado pelo o agrônomo responsável pela fazenda. Os participantes assistiram a aplicação de calagem no solo numa área de expansão da área produtiva de lúpulo, e considerou uma experiência muito rica para compreender os cuidados necessários com essa valiosa plantinha.

### **Cartilha de Árvores do Maciço da Pedra Branca Um olhar quilombola para o uso e a conservação**

Também foi lançada a publicação [Cartilha de Árvores do Maciço da Pedra Branca Um olhar quilombola para o uso e a conservação](#), que reúne algumas árvores presentes na vida das comunidades que vi-



## Cartilha de Árvores do Maciço da Pedra Branca

Um olhar quilombola  
para o uso e a conservação

PROJETO  
SERTÃO CARIOCA  
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

Confira a cartilha clicando no link

vem, moram e plantam no Maciço da Pedra Branca. Trata dos usos e também das histórias pessoais, e de como a interação entre quilombolas e florestas é indissociável.

Pelos caminhos do Sertão Carioca, as árvores oferecem sombra, proteção, alimentos, medicina e reconforto espiritual. Elas enraízam os conhecimentos e as epistemologias quilombolas sobre ecologia e natureza, ao mesmo tempo que nutrem o imaginário popular como entes vivos e atuantes.

No ciclo de vida a longo, médio e curto prazo, elas compõem todo um ecossistema bio-sócio-cultural. No Maciço, elas tiveram e continuam tendo um papel crucial na vida local, tanto na economia, quanto no uso cotidiano de subsistência.

A cartilha é um pequeníssimo extrato da riqueza biocultural das comunidades quilombolas e



Folha de jacarandá  
caroba - carobinha.  
Foto: Yasmin Abreu





Maria Lúcia apresentando preparados de ervas com plantas e cascas das árvores

agricultoras do Maciço da Pedra Branca em relação a como interagem com a mata e suas árvores, seus saberes, suas histórias.

Construído a partir de um levantamento cotidiano, simples e afetuoso ao longo de encontros, escutas e trocas em oficinas e mutirões, foi compilamos e registramos informações sobre árvores

que estão na memória coletiva e na epistemologia quilombola das comunidades agricultoras do Quilombo Dona Bilina, Quilombo Cafundá Astrogilda e Quilombo do Camorim, que ficam na da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, e nos foram contadas, principalmente por Adilson Almeida, Sandro Santos, Tati Mesquita, Paulinho Martins, Adilson Júnior e Maria Lúcia Mesquita.



Frutos de Urucum.  
Foto: Yasmin Abreu





## Ações de comunicação e apoio à comercialização através da Campanha Produtos da Gente

*Em nosso projeto, desenvolvemos ações integradas à Campanha Produtos da Gente, uma campanha permanente de comunicação popular e apoio às vendas dos alimentos agroecológicos do Rio de Janeiro. A campanha visa apoiar a apresentação dos produtos produzidos, bem como fortalecer a comunicação das feiras e dos feirantes, com fins de ampliar a comercialização.*

### Criação da identidade visual de agricultores locais

Como parte das ações, criamos a identidade visual do agricultor Miguel Archanjo, que possui uma unidade de produção na região de Vargem Grande. Foram criadas a logomarca do empreendimento e rótulos de identificação de produtos. O trabalho foi desenvolvido através de assessoria técnica participativa.

O uso das cores e dos elementos teve como função reforçar a diversidade dos alimentos que são comercializados. Também confeccionamos 5



Identidade visual criada em processo participativo



Rótulo criado para identificação dos produtos

tipos diferentes de rótulos para os distintos produtos vendidos pelo agricultor. Os rótulos têm como objetivo melhorar a apresentação dos produtos, apoiando o aprimoramento de estratégias de divulgação e comercialização nas feiras agroecológicas que apoiamos.

A logomarca e os rótulos foram enviados por e-mail em formatos editáveis e adaptáveis para usos futuros. Para ver como ficou, acesse: [https://www.instagram.com/p/Ci\\_M8GK-JUCr/?igshid=YmMyM-TA2M2Y=](https://www.instagram.com/p/Ci_M8GK-JUCr/?igshid=YmMyM-TA2M2Y=)



Rótulo produzido para comercialização dos produtos do Núcleo Quilombola Dinda Laura





Está no ar o novo canal do youtube AGROPRATA: <https://www.youtube.com/channel/UCXv47V-gaLzpLaxMkh73sVMQ>

alimentos que os consumidores compram.

Você sabia que a Agroprata foi a primeira Associação de Agricultores Orgânicos do Rio de Janeiro ?

### **Apoio às boas práticas no processamento de alimentos oriundos das agriculturas urbanas**

Neste último período, finalizamos um levantamento realizado com algumas/ns produtoras/es e agricultoras/es e suas necessidades para adequação, legalização e certificação de suas áreas de processamento.

Foram entrevistadas, por meio de formulários Google forms, por telefone e presencialmente 47 produtoras/res da Agroprata, dos quilombos Cafundá Astrogilda, Camorim e Dona Bilina, dos Quintais Produtivos da Colônia, da Feira Agroecológica de Campo Grande, da Feira da Roça de Vargem Grande e da Coletiva Mulheres de Pedra.



Grupo de mulheres processadoras do SPG - Rede Cau

O grupo é em sua maioria de mulheres que produzem desde alimentos in natura, passando por alimentos processados e cosméticos naturais e artesanato. As informações coletadas abordaram o tipo de produtos, locais de comercialização, utilização do selo PDG e quais as necessidades para melhorias na produção e processamento de alimentos e produtos afins. O resultado do diagnóstico apoiará o planejamento de formações e ferramentas de tecnologias sociais para apoiar o desenvolvimento dos grupos.

A primeira formação, fruto do diagnóstico, está prevista para novembro e deve ocorrer em Vargem Grande e Pedra de Guaratiba.

### **Barraca do Quilombo Dona Bilina na Feira do Rio da Prata**

Neste último período, no Sítio Farol da Prata, que fica na região do Rio da Prata, no bairro de Campo Grande, a associação quilombola Dona Bilina esteve presente na feira orgânica do Rio da Prata com uma barraca de comercialização de artes, artesanatos e alimentos agroecológicos. Todos os produtos representam saberes e ofícios transmitidos entre gerações, demarcando fortemente o grupo.

A periodicidade e a logística da comercialização estão sendo debatidas e apoiadas pelo projeto através do eixos econômico e cultural, que desenvolvem

ações de incentivo ao Turismo de Base Comunitária e à Museologia Social.

Além da comercialização dos artesanatos e produtos naturais, a barraca é um ponto de diálogo com a população local, que através dos produtos e produtores são convidados a conhecer as histórias e ações quilombolas. Neste sentido a barraca quilombola consiste numa ação de mobilização, conscientização e divulgação das atividades do quilombo e do ecomuseu.

Para Julia Pereira, assessora técnica e museóloga que realiza consultoria para as ações, destacou que, “no âmbito da museologia social, a barraca é mais um lugar de exposição e divulgação das narrativas dos moradores, a partir de seus próprios termos, além de contribuir na geração de renda e desenvolvimento do território”.



Barraca de comercialização das mulheres quilombolas do Dona Bilina



“os interessados em comercializar produtos são incentivados a produzir itens feitos a partir de saberes e matéria prima local. A iniciativa gera conscientização do grupo quilombola, que reflete sobre a adoção de melhores práticas ambientais na confecção de seus produtos, assim como, sobre a apresentação e valoração de seu trabalho”  
– Julia Pereira

O comprometimento com práticas sustentáveis também é um ponto de atenção do grupo, Julia destaca que “os interessados em comercializar produtos são incentivados a produzir itens feitos a partir de saberes e matéria prima local. A iniciativa gera conscientização do grupo quilombola, que reflete sobre a adoção de melhores práticas ambientais na confecção de seus produtos, assim como, sobre a apresentação e valoração de seu trabalho”.

Neste período foram também compradas e adquiridas mais duas barracas para a comercialização de produtos para o Quilombo Cafundá Astrogilda.



## Memória social, ações pedagógicas e Turismo de Base Comunitária

*Acreditamos em uma pedagogia diferenciada que fortaleça pessoas, histórias, identidades, territórios e patrimônios através da parceria entre sujeitos coletivos, comunidades tradicionais e instituições de ensino. Temos feito isso a partir de ações interdisciplinares, como a proposta de Turismo Pedagógico realizado no Quilombo do Camorim e no Quilombo Cafundá Astrogilda - Ação Griô e apoio às visitas escolares nos Quilombos Dona Bilina e do Camorim*

A proposta do Turismo Pedagógico e de base comunitária é criar uma ponte entre as ações educativas dos quilombos e as escolas públicas do entorno da Cidade do Rio de Janeiro. Nesta ação, os alunos do ensino fundamental e médio e de instituições de ensino superior são convidados a mergulhar nos roteiros organizados pelos educadores populares dos



Turismo Pedagógico



### Turismo Pedagógico

quilombos, vivenciar contato com a natureza, conhecer locais que contam a história da cidade onde vivem. Além disso, permite conhecer a história além dos livros, o aprendizado por meio do contato e a socialização e respeito à diversidade cultural.

O Projeto Sertão Carioca apoia as ações de turismo pedagógico nos quilombos através do eixo sociocultural e do Programa de Educação Ambiental Antirracista para as Infâncias. Os territórios recebem cerca de 3 instituições a cada mês. As visitas são organizadas pelos educadores populares locais. Ao longo da atividade os alunos participam de oficinas sobre bioconstrução utilizando técnicas de permacultura, conhecem um pouco sobre a formação e ocupação do território, os educadores explicam sobre serviços ecossistêmicos e manejo ambiental da Mata Atlântica.

Com uma linguagem acessível e em atividades dinâmicas, os alunos apren-



### Turismo Pedagógico





Turismo Pedagógico

nos e na educação ambiental, incentiva o respeito e compromisso com o outro por serem elaborados por metodologias antirracistas, além disso, fortalecem as ações de turismo de base comunitária desenvolvida nestes territórios.

dem, através dos saberes locais sobre diversos temas enquanto conhecem todo território.

Para os territórios quilombolas, o Turismo Pedagógico colabora com a conservação e preservação do meio ao investir na conscientização dos alu-



Turismo Pedagógico

## Cartografias participativas fortalecem a narrativa social

Neste período, concluímos o processo participativo de registro de memórias, histórias e pontos de interesse das comunidades quilombolas do Maciço da Pedra Branca. O resultado foi organizado em fascículos cartográficos e tem como objetivo apoiar o fortalecimento de memórias coletivas, assim como ampliar a força do diálogo dessas comunidades com instituições que atuam na unidade de conservação do Parque Estadual da Pedra Branca.

### Quilombo Cafundá Astrogilda - Caminhos de Memória e Resistência

É no maciço da Pedra Branca, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde está o território das famílias afrodescendentes que conformam o Qui-



Elici Martins e Elizabeth Lacerda do Núcleo Dinda Laura e a publicação da cartografia



Elici Lacerda com Paulo Santos e Luz Stella Rodrigues Cáceres, que conduziram as atividades da cartografia





Jorge Cardia, Seu Ary e Adilson Mesquita no processo de mapeamento da cartografia na Floresta da Pedra Branca. Foto: Luz Stella Rodrigues Cáceres

lombo Cafundá-Astrogilda, ao qual se chega pelo bairro de Vargem Grande.

Fazem parte da comunidade quilombola as famílias Lacerda Drummond, Pereira, Alves de Andrade, Martins, Cardia, Rodrigues, Mendez e Santos Mesquita entre

outras que se distribuem geograficamente em núcleos parentais que se misturam.

Foi a família Santos Mesquita a que deu início ao processo de certificação quilombola expedido pela Fundação Cultural Palmares em 2014. O nome Cafundá – Astrogilda está relacionado à história dos Santos Mesquita cuja matriarca, dona Astrogilda,



Nilo dos Santos Mesquita e Merenciana Maria da Conceição (Tia Mocinha) - os mais velhos da comunidade Cafundá foram lembrados. Foto: Luz Stella Rodrigues Cáceres



Astrogilda Ferreira dos Santos, a matriarca do Cafundá, foi lembrada na Cartografia Caminhos de Memórias e Resistência. Foto: Reprodução de Luz Stella Rodrigues Cáceres



deu início a essa linhagem e se tornou conhecida pela sua obra no terreiro localizado no Caminho do Cafundá.

### Cartografia Participativa do Quilombo do Camorim – Guardiões da Sankofa

No Quilombo do Camorim, os vestígios históricos materiais mais sobressalentes correspondem à história colonial do Brasil, da qual também há inúmeros registros de arquivos pesquisados pelos historiadores.

Em termos materiais, destaca-se a Igreja de São Gonçalo do Amarante que está em pé e foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC) em 1965. A igreja foi construída em 1625 por Gonçalo de Sá Correia, filho do governador da cidade do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá.



Captando pontos de GPS utilizados na construção dos mapas cartográficos



Captando pontos de GPS utilizados na construção dos mapas cartográficos



Comunidade recebeu a caravana com acolhimento que buscou divulgar expressões culturais do território



Manifestações culturais como o Jongo e o Maculelê foram registradas

A partir da pequena igreja se rastreia a história da sesmaria onde foi instalado o Engenho do Camorim, um dos muitos engenhos de escravos da planície de Jacarepaguá. Lá, foi registrada a plantação de canaviais para a produção de açúcar e aguardente a partir do trabalho dos africanos escravizados.

Alguns escravizados compravam sua alforria e se tornavam foreiros que arrendavam as terras dos monges. As últimas alforrias foram concedidas em 1871 pouco antes do fim da escravidão.



Oficina de Cartografia Afetiva



Dona Bilina. Imagem reproduzida da dissertação de Alice Franco. Sertão Carioca. Identidade e memória da comunidade agrícola do Rio da Prata (Instituto de Educação. Programa de Pós Graduação em Psicologia. 2011

## Cartografia Participativa – Quilombo Dona Bilina

O Quilombo Dona Bilina está localizado na vertente norte do Maciço da Pedra Branca, região conhecida como Rio da Prata, no bairro de Campo Grande. O nome da comunidade é uma homenagem à Dona Bilina, parteira e rezadeira local. De acordo com seus familiares, ela morreu na vertente da Virgem Maria após a Pedra do Carvalho bem próximo ao Pico da Pedra Branca, de onde raramente saía. Era amena e acolhedora na convivência com todos, uma preta velha com seus costumes de plantar guandu e batatas, fumar cachimbo, tomar café e cachaça, com seu marido. Seus netos e agregados lembram dela como Madrinha.

Nesta cartografia, você fica sabendo um pouco mais dessa história e também confere 4 sugestões de roteiro de Turismo de Base Comunitária para melhor conhecer o território.



Encontro sobre Cartografia Social Participativa do Quilombo Dona Bilina



## Ecomuseu Quilombo Dona Bilina - Museu andado

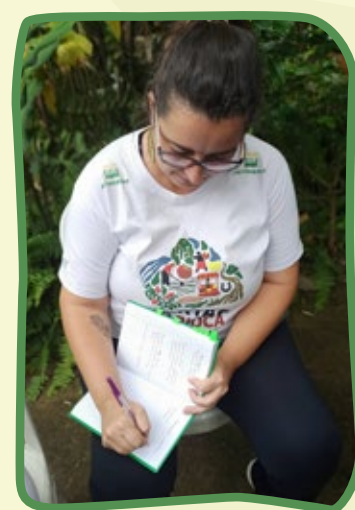
Está em curso ações de implementação do Ecomuseu Quilombo Dona Bilina. O trabalho de consultoria museológica adotou uma metodologia pautada no diálogo horizontalizado com a comunidade, considerando a presença de sujeitos múltiplos e compartilhamento de saberes, na construção de um projeto de museu - solicitado pelas lideranças comunitárias. Amparando-se na Museologia Social, na qual preconiza que os patrimônios devem ser vistos numa perspectiva política como ferramentas ao desenvolvimento local, como registros das continuidades históricas e das mudanças culturais, realizadas historicamente nos territórios, o trabalho buscou conhecer o território a partir de seus moradores, os participantes das ações do quilombo.



Igreja Nossa Senhora das Dores, importante local da região compõe parte dos roteiros do Turismo de Base Comunitárias oferecidos



Seu Quincas, griô da comunidade quilombola Dona Bilina narrando as memórias e histórias do local



Júlia Wagner, consultora em museologia social do Projeto em atividade de campo



A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é sistematizar as ações e garantir a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

**Coordenação Editorial**  
Bruna Távora e Ingrid Pena

**Produção de Conteúdo**  
Murilo Holanda e Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

**Diagramação**  
Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)

[Boletim 7](#)

[Boletim 8](#)

[Boletim 9](#)

[Boletim 10](#)

[Boletim 11](#)

[Boletim 12](#)



**PROJETO  
SERTÃO  
CARIOCA**  
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA  
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais  
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia  
Mesquita, Alice Franco e Rosilane  
de Almeida.

**Coordenador Geral do  
Programa de Agricultura  
Urbana e Supervisor  
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

**Coordenadora geral do Projeto**

Ingrid Pena

**Coordenadora Social**

Caroline Santana

**Assessoras Agrícolas**

Letícia Ribeiro e Edmilson  
Oliveira

**Assessoras de Comunicação**

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro  
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

**Estagiários**

Geovana de Melo, Michel Cole,  
Adilson Mesquita Júnior, Caroline  
Rodrigues e Thaís Martins

**Para saber mais:**

[www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br)

[www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br)

Instagram: @agroecologiaaspta @projeto.sertao.carioca

Facebook :asptaagroecologia

E-mail: [comunicasertao@aspta.org.br](mailto:comunicasertao@aspta.org.br)



## REALIZAÇÃO



## PARCERIA



## PATROCÍNIO

